

Crítica // O rei da internet ★★★

## A ascensão do hacker brasileiro

Giovanna Kunz

Baseado em fatos reais, *O rei da internet* acompanha a ascensão de Daniel Nascimento no universo do crime cibernético. O mais interessante do filme é justamente mostrar esse universo dos hackers de uma forma diferente do que muita gente imagina. Não é aquela imagem super tecnológica e distante dos filmes hollywoodianos. Aqui, tudo parece mais caótico, impulsivo e meio vazio.

O longa também acerta ao mostrar a complexidade da relação dos jovens com a internet, inclusive a abstinência das redes. O filme deixa claro como a vida on-line atravessa completamente a rotina e as relações desses jovens. Ao mesmo tempo, mostra como as grandes disputas e questões de hoje acontecem muito mais no ambiente virtual do

DIVULGAÇÃO



João Guilherme interpreta Daniel Nascimento em *O rei da internet*

que em confrontos “reais”.

Mesmo apostando na fórmula já conhecida de glamourização do crime, luxo e decadência, *O rei da internet* consegue fazer isso de uma forma divertida. O tom cômico, acelerado e levemente caricato funciona muito bem e é o grande acerto do longa.

O problema é que, em alguns momentos, os personagens acabam ficando rasos demais. Falta aprofundar melhor principalmente a relação familiar do protagonista.

João Guilherme entrega uma das atuações mais interessantes da carreira. Mesmo vivendo nesse universo de

ostentação, o personagem carrega traços claros de um garoto de cidade pequena que sofreu bullying e não sabe muito bem como se encaixar socialmente.

Visualmente, o filme aposta em uma estética caótica e bem americanizada. E, apesar de não tentar transformar

Daniel em um “hacker estadunidense”, faltam brasilidades e mais regionalismo na construção da trama. Ainda assim, o longa merece destaque por explorar um tema pouco visto no cinema brasileiro e por conseguir transformar um assunto tão necessário em uma história divertida de assistir.

## ENTREVISTA // JOÃO GUILHERME / FABRÍCIO BITTAR

**O filme desmonta aquela imagem de hacker hollywoodiano de gênio solitário, com capuz. Como foi contar essa história de um jeito mais verdadeiro, mais brasileiro, para vocês?**

**João Guilherme:** É essencial. Eu acho que, se fosse para fazer um filme na medida deles, não faria sentido. A gente está aqui contando uma história brasileira, local, inclusive. A gente tem data, a gente tem endereço. Então, eu acho que essa é a realidade, né? É uma

própria fala do Daniel: “Eu não usei capuz, eu morava na praia e eu fazia isso daqui de casa.”

**Fabrício Bittar:** O filme é inspirado em um hacker real. A gente tem o livro que ele escreveu e eu também entrevistei muito ele. Então, o filme tem esse ponto de vista dele. Muitas vezes a gente tem filmes ou histórias que são muito mais um ponto de vista da polícia ou têm esse ponto de vista mais do senso comum, de como a gente enxerga os

hackers. Acho que foi meio que natural a gente contar da forma mais realista possível.

**Quando vocês tiveram o primeiro contato com a história, teve alguma coisa sobre o Daniel que vocês descobriram e se surpreenderam?**

**João Guilherme:** O que mais me chocou quando eu tive o primeiro contato com a história foi a idade dele. Para mim isso é o mais absurdo. Porque drogas e crime e essas coisas acontecem,

está acontecendo agora, em algum lugar. Mas, com um menino de 15 anos, com esses superpoderes, isso pra mim é o mais chocante. A idade dele, o momento em que ele estava de vida, ele estava no colégio.

**João, o Daniel disse em entrevista que achou sua escolha “surreal” e que te acha muito parecido com ele quando era jovem. Como você era na escola? Você enxergou semelhanças**

**entre você e o Daniel?**

**João Guilherme:** Com essa idade eu já não sofria bullying. Eu sofri um bullyingzinho no colégio, de leve. Não era que ninguém me agredia, não, porque naquela época também o bullying era mais hardcore. Hoje em dia, se fizessem aquilo, os pais iam ser adicionados bem rápido. Aí que está o interessante, porque já fiz muitos personagens populares, personagens carismáticos, e que é bacana, mas que se aproxima muito da minha realidade.